



**BI (ca) LHETE
(DO TEU JUÍZO) Final
Gabriel Bicalho – Mariana - MG**

**11ª SEMANA
ALDRAVISTA**

**Nenhuma inspiração na tal roseira
ou gritos de garis abrindo o poema.
Nenhum morto, enforcado na goteira
de teus pingos nos “is” e que não trema.**

**Quem vem de lá, mestrinho, vindo à beira,
pondo susto no rio enquanto rema,
afogando no texto a voz primeira,
com esses baldes de bruma sobre o tema?**

**A mão de Deus que do infinito desça,
a espremer-me as ideias na cabeça
ou puxar-te as orelhas, velha criança!**

**Duzentos olhos baços de esperança
e três eternidades de promessa,
a escrever teu soneto por vingança!**



Tela: Elias Layon

A linguagem poética

A reflexão desta edição do Jornal Aldrava Cultural diz respeito a algo que reitero nas oficinas de aldravias que oferecemos: a simplicidade de um produto não mostra a complexidade de seu processo produtivo. Exemplifico com a trova da batatinha (batatinha quando nasce / se esparrama pelo chão / bebezinho quando dorme / põe a mão no coração), pois nada há de mais simples que a popular trova da batatinha, para demonstrar que o resultado absolutamente simples esconde uma complexidade construtiva (versos em redondilhas maiores, metricamente marcados com tônicas na 3ª e na 7ª sílaba, além de rima composta do 2º com o 4º verso). Esta reflexão, portanto, é uma demonstração de que é equivocada a avaliação de um produto, olhando somente para o produto, sem percorrer o seu parque tecnológico, sem pesquisar a ciência que possibilitou a construção desse parque tecnológico. Digo isso, porque vivemos numa sociedade que não lê, não observa os arredores, não pesquisa causas. Essa sociedade apenas opera aplicativos. Daí zombarem da trova da batatinha, por desconhecem o que é redondilha maior. É por essa mesma razão que se diz por aí que fazer aldravia é fácil. Parece, mas não é. Aldravia não é frase em pé. Aldravia não é composta por informação comum. Aldravia é poesia. Uma informação comum é: a blusa de Maria é verde. Numa reflexão clássica da Escola Linguística de Praga, nos anos 30 do século XX, Jakobson, falando da função poética da linguagem, afirma que a palavra poética é autossuficiente, que vale por si mesma. Dessa forma, o processo produtivo da poesia exige a escolha do vocábulo a ser utilizado no poema. Escolha pressupõe autonomia. Indivíduo dependente e subserviente não tem possibilidade de decidir em uma situação de direito a uma escolha. É o direito a escolhas que dá início ao processo de transformação de uma informação comum em uma informação poética. Se a informação dada é a de que a blusa de Maria é verde, é possível, a partir da aplicação de uma visada figurada do elemento caracterizador da indumentária de Maria, transformá-lo em elemento central da caracterização de Maria, fazendo com que a informação comum ganhe ares de poesia: verde blusa de Maria é esperança. O processo de transformação da informação comum em informação poética pode ser elaborado a partir das figuras socialmente consensuadas. No imaginário popular, uma das significações da cor verde é a esperança, aquela que dá nome ao grilo verde. Não há que se buscar a criação de novas metáforas, pois elas estão disponíveis no vocabulário usual da sociedade; basta buscar nesse vocabulário uma das possibilidades de substituição do termo utilizado como tema do texto poético.

Embora pareça simples, pois os recursos metafóricos estão disponíveis no repertório social, não é, pois o sujeito da produção precisa ser e se sentir autônomo, autorizado a buscar formas de expressão que sejam suas, e não dos outros. Essa noção de autonomia, de autorização à autoria, possibilita a transformação do processo inicial, metafórico, em processo metonímico. Nesse processo, metonímico, em vez de substituir o termo gerador, o poeta faz uma associação com algo que o lembre, ou com uma parte de sua composição; ou com uma generalização sua. Assim, a qualidade (esperança) em lugar da coisa (blusa) pode ser um caminho para a utilização da metonímia na construção poética: deslumbrante Maria chegou vestida de esperança. Acontece também nessa mesma aldravia a ideia de função da indumentária completa (vestida) em lugar da coisa específica (blusa), uma vez que somente a blusa que Maria vestia era verde, ou da qualidade do vestir em lugar da coisa (blusa), como a assumir uma atitude, o que possibilita a qualificação da atitude da pessoa (Maria) de deslumbrante. As possibilidades de associação linguística são infinitas, e assim podemos também imaginar outros cenários metonímicos, entre os quais: no verde Maria demonstra madura esperança. Trata-se de evidenciar relações de contiguidade com o ciclo de vida dos vegetais (verde / maduro), metaforicamente associado à vida humana (jovem / maduro), à vida produtiva (aprendiz / maduro), que se fazem eficazes na elaboração poética. Dessa forma, é possível pensar numa generalização: qualquer informação comum pode ser processada poeticamente. Os resultados textuais são sempre muito simples, mas derivados de processos complexos de substituições, associações e relações semânticas. Se a aldravia é epifania do belo meu ipê amarelo (aldravia de Andreia Donadon Leal), ela é a descoberta da compreensão da essência da própria aldravia, que numa relação de contiguidade com o destaque da árvore símbolo do Brasil, o ipê amarelo, torna-se a própria compreensão do belo, aquilo que caracteriza a arte, capaz de revelar a beleza escondida das coisas, a beleza associada às coisas, muitas vezes imperceptível, mesmo quando o cenário à mostra é ostensivo – ipê amarelo no meio de uma paisagem acinzentada pelo inverno. O resultado plástico desta aldravia é também belo, mas simples, singelo, como deve ser a aldravia. O processo filosófico, metalinguístico, de conceituação do belo como metonímia da conceituação da arte, faz do processo de construção poética uma porta aberta para a elaboração da linguagem, que numa roupagem de simplicidade abriga engrenagens processuais complexas de elaboração.



J. B. Donadon-Leal - Mariana - MG
Professor Emérito da UFOP, Doutor em Semiótica (USP), Pós-doutor em Semiótica (UFMG), Presidente da Comissão Editorial do Jornal Aldrava Cultural, Membro da ALACIB-MARIANA, Academia Marianense de Letras, Ciências e Artes.

Aldravismo 22 anos de poesia viva!



ENSAIO - METONÍMIA E METÁFORA

Começo citando algumas estrofes de um poema de Cecília Meireles intitulado "Ou isto ou aquilo". Num conjunto de oito dísticos, a poeta fala das contradições que nos cercam e da impossibilidade de eliminá-las. O tom não é fatalista, não se encontra uma solução mágica para as dualidades propostas, mas delicia-se com a observação arguta da poeta que, aparentemente, de maneira ingênua, fala da realidade circundante. Lá pelas tantas diz Cecília Meireles:

Quem sobe nos ares não fica no chão,
quem fica no chão não sobe nos ares.
É uma grande pena que não se possa
estar ao mesmo tempo nos dois lugares!

(...)

Mas não consegui entender ainda
qual é melhor: se é isto ou aquilo.

As três estrofes destacadas não conseguem ilustrar o esquema de rimas adotado pela poeta. Isso não me interessa aqui. Refiro-me à rima por simples cacete acadêmico. Não se trata de uma aula, portanto, em frente. Escolhi estas três estrofes por uma simples questão de conveniência: eles ilustram, e bem, uma certa dificuldade enfrentada por todo e qualquer poeta quando se põe a querer escrever um poema, ainda que não o confessem: escolher entre metáfora e metonímia. Ora, tradicionalmente, a primeira é mais popular e sua associação com o fazer poético é quase natural, instantâneo, para não dizer, visceral. A gente sabe que não é bem assim. Já a metonímia é como uma "patricinha", mas apenas na aparência. De fato, não é possível, nem relevante, ficar listando qualidades e defeitos de uma e de outra com o intuito de estabelecer baremas valorativos de ambas. Não. Ambas, como modos de funcionamento da linguagem – no caso, poética – se apresentam dedicadas à criação de poesia sob quaisquer circunstâncias. Eu diria que o que as diferencia é apenas e somente uma questão de instrumentalização, para não dizer, método. Como disse antes, isso aqui não é uma aula, muito menos um tratado, mas não perco a chance de provocar. Adiante!

A metáfora, senhora circunspecta e, digamos, mais careta, é aquele modo de funcionamento que se destaca por operar com comparações. A palavra-chave aqui é "como". Por exemplo, "seu sorriso é o sol de minha existência". Uso aspas porque, de repente, alguém já escreveu este verso e eu não me dei conta. Não quero correr o risco de ser processado ou, quem sabe – os tempos atuais andam um tanto "confusos" – receber a visita o "black uber oficial", logo de manhã cedo! No exemplo, a comparação estabelecida entre o sorriso e o sol subentende o "como": "seu sorriso é como o sol de minha existência". Logo, temos uma metáfora. Da comparação, segue-se a ideia de que o sorriso ilumina a existência da voz poética. Logo, por via de consequência, faz desta existência uma coisa alegre, clara, vibrante, positiva. Tudo cristalino como água de riacho – em outros tempos mais cristalinas que hoje, infelizmente. Assim, a metáfora constrói imagens que se comparam umas com as outras, possibilitando a ampliação da expressividade de versos que não se quem óbvios, corriqueiros. A ideia de substituir uma coisa pela outra, intrínseca a este modo operacional chamado comparação enriquece as possibilidades expressivas do poeta, quando quer fazer algo.

A metonímia, por sua vez, é uma outra senhora um pouco mais sofisticada, mais metida a besta, talvez. Ela não se contenta com as comparações possíveis, por mais sedutoras e instigantes que sejam. Ela tenta dar um passo adiante. A metonímia opera por contiguidade ou, em outra palavra, aproximação. Pode-se dizer que, um tanto mais sádica que a metáfora, a dona metonímia exige mais de quem lê a poesia que foi escrita. Ela obriga o leitor a se deparar com imagens que, apesar de se compararem umas com as outras, não ensejam o sentido desejado pelo poeta. Para isto é preciso "coçar" o cérebro e descobrir nuances embutidas no processo. Recorro a um exemplo de minha própria autoria, uma aldravia, das primeiras que escrevi:

riscos
coloridos
cortam
céu
de
fevereiro



José Luiz Foureaux de Souza Júnior
Contagem - MG

Professor Titular aposentado na UFOP. Graduado em Letras (PUC-MG), concluiu Mestrado em Teoria da Literatura (UnB) e Doutorado em Estudos Literários-Literatura Comparada (UFMG). Fez dois estágios de Pós-doutoramento: em Literatura Comparada (UFF) e em Literatura Portuguesa (Universidade de Coimbra).

A relação entre "riscos coloridos" e "céu", quando associada a fevereiro, último verso da aldravia, estabelece uma relação da famigerada contiguidade, ou seja, estabelece uma relação que prescinde da comparação para induzir o leitor a chegar à ideia de carnaval, ao fim e ao cabo, a que sustenta a intenção do poeta, neste caso, eu! É preciso ressaltar que ao dizer "prescinde" não estou negando a possibilidade da comparação. De fato, no modo metonímico a linguagem, de fato, prescinde da comparação e faz uso de aproximação de sentido, uma forma de entender o que é a contiguidade, chave-mestra da metonímia. É claro que no fundo, bem no fundo, sobretudo se se faz a leitura às avessas do poema, a comparação pode ser surpreendida lá. Tal como no "Bloco mágico", do Freud: uma das inúmeras inscrições que a cunha deixa na camada cera.

Concluindo, metáfora e metonímia, conhecidas como "figuras de linguagem" são, de fato, como eu disse, modos de funcionamento, utilização expressão da linguagem poética. Pode-se dizer que a finalidade ambas é a mesma: fazer poesia. Ainda que tenha usado o mesmo exemplo de sempre, acredito que a explicação ajude a entender a diferença entre uma e outra. Por fim, volto a Cecília Meireles para, de certa forma, contradizê-la: não interessa mesmo se é possível ou não chegar a uma conclusão definitiva se "isto ou aquilo". Vai valer a pena brincar com a troca de lugares, as duplicidades, as possibilidades disso ou daquilo. E tenho dito!



COLUNA ESPECIAL DA
ALDRAVIA

Pedagogos da Rede Municipal de Ensino de Mariana
Aldravias selecionadas

01
encaracolar
doeu
mas
me
fez
flor

(Pedagoga Isabella Marina M. Saraiva
E.M. Padre Antônio Gabriel de Carvalho)

02
inverno
corações
aquecidos
cobertores
dos
amantes

(Pedagoga Alcione Raimunda Araújo
E.M. Aníbal de Freitas)

03
manhãs
frias
sinos
ladeiras
igrejas:
Ouro Preto

(Pedagoga Amanda Mendes Roberto - E.M.
Cônego Paulo Dilásccio)

04
sol
nascente
aquece
coração
universo
estridente

(Pedagoga Daiane Ap. Campidele
E.M. de Campinas, Geraldo Timóteo,
Furquim e Padre Viegas)

05
na
luz
apagada
sente-se
protegida
amparada

(Pedagoga Júlia Ferreira
Brandão - CEMPA)

06
saudades
cidade
onde
nasci
e
cresci

(Pedagoga Vânia Aparecida de Souza
E.M. Monsenhor José Cota)

07
retrato
pendurado
falo
não
ouves
mais

(Alessandra Miranda
E.M. Monsenhor José Cota)

08
silêncio
obscuro
barulho
da
mente
perturbada

(Patrícia e Xavier Moreira dos Santos
E.M. de Barro Branco)

09
ipês
diversas
cores
encantam
o
dia

(Cristiane Rocha
E.M. Dante Luiz dos Santos)



poesias



Dia da Democracia
Luiz Tyller Pirola
 Mariana - MG

É livre o amor perdido
 Ou seria prisioneiro
 Mofado detento
 Em funda masmorra escura
 Na profundidade do séc. XIX.
 Levai água e dai
 Ao cativo sedento
 Deixai cair a metafórica água
 Confusa naquela dos seus
 Sentimentos.
 Quem sabe de branco
 Limpe sua alma manchada
 Quem sabe
 Porque nunca se sabe
 Se ao prisioneiro ela
 Saberá a vinagre.

Não te direi com palavras
J.S.Ferreira - Itabira - MG

Não te direi com palavras
 o que posso te traduzir
 apenas em um gesto,
 nem te ensinarei a
 linguagem dos olhos,
 enquanto eu estiver por
 perto.

Nada te direi sem o teu
 consentimento,
 mesmo se for amor ou um
 simples arrebatamento,
 mas, quero ser escravo do
 teu amor,
 se este prazer me for dado
 a contentamento.

Não te direi que meu
 coração é deserto,
 nem que teu corpo é uma
 flor
 que vibra ante meu ser, ou
 ao som do vento,
 porque, o que sinto neste
 exato momento,
 é este brilho que vejo em
 teus olhos,
 que chamo de amor, que
 traduzo por um gesto.

Cláudio, poeta da
conjuração
J. B. Donadon-Leal

Bate bateia lá na curva do
 ribeiro
 Ave, Du Carmo, quanto
 ouro a brotar!
 E d'ouro brilho no cascalho
 ou no sarilho
 O arraial vem como um filho
 Do Reinado de além-mar

Pedro II deixa o reino a
 Dom João V
 Que cobra o quinto d'ouro
 sangue bandeirante
 Mas nascem filhos de
 Filipes e outros santos
 Que fazem versos, versos
 de libertação

E bate o sino, sol a pino no
 fascínio
 Do menino que era o
 Cláudio poeta da
 Conjuração
 Mas bate o sino, sol a pino
 no fascínio
 Do menino que era o
 Cláudio poeta da
 Conjuração

Mariana D'Áustria empresta
 o nome à nova vila
 Que ergue a Sé, casa de lei
 e de intendência
 Que alegra o reino com
 remessa de ouros tantos
 Mas deixa imersos versos
 de libertação

E bate o sino, sol a pino no
 fascínio
 Do menino que era o
 Cláudio poeta da
 Conjuração
 Mas bate o sino, sol a pino
 no fascínio
 Do menino que era o
 Cláudio poeta da
 Conjuração



Tela: Elias Layon

Canto do Trovador

GABRIEL BICALHO - MARIANA - MG
DELEGADO DA UBT - SESSÃO: MARIANA - MG
EX-SECRETÁRIO GERAL DA UBT-NACIONAL
MEMBRO DA ACADEMIA MARIANENSE DE LETRAS
E DA ALACIB-MARIANA, PRESIDENTE DA
ALDRAVA LETRAS E ARTES



Sou maluco e não me canso
de buscar a perfeição:
na verdade, nem me alcanço
indo atrás desta ilusão!
Gabriel Bicalho - Mariana - MG

Hoje, o meu peito ressoa
um sino de amor pungente:
antes, pois, de ser Pessoa,
minh'alma busca ser gente!
Gabriel Bicalho - Mariana - MG

Nosso amor perdeu sua rota
e virou amor platônico:
Ela fazendo a chacota
e, eu, buscando ser o irônico!
Gabriel Bicalho - Mariana - MG

Setembro traz primavera
e um raio de sol desperta,
no verde de nossa espera,
esta flor, que ora se oferta!
Gabriel Bicalho - Mariana - MG

Não olho, se olhos de ateus,
quando vejo Deus, na calma:
porque os olhos de ver Deus
são os nossos olhos d'alma!
Gabriel Bicalho - Mariana - MG

Sou aquele, o que se ilude,
junto ao neto e, sol a pino,
jogo as bolinhas de gude,
pois, revivo e sou menino!
Gabriel Bicalho - Mariana - MG

Ao passado, só, pergunto
se sonho mesmo e o porquê:
beijo minha amada e, juntos,
debaixo de um pé de ipê!
Gabriel Bicalho - Mariana - MG

Foi revendo foto antiga,
que conheci, de verdade,
a mais terna face amiga
de minha velha saudade!
Gabriel Bicalho - Mariana - MG

Bruma-se de Amor, o rio:
e Cachoeira do Brumado
traz do encanto o desafio
de viver-se... apaixonado!
Gabriel Bicalho - Mariana - MG

Na tontura e/ou na tortura,
quem entende entorta mais:
não há pinga que, tão pura,
bem me cure dos meus ais!
Gabriel Bicalho - Mariana - MG

11ª SEMANA ALDRAVISTA



A 11ª Semana de Arte Aldravista celebra os 22 anos do Movimento Aldravista, nascido na cidade de Mariana - MG. Além da presença de diversos autores, artesãos e músicos na cidade de Mariana, estão previstos lançamentos de livros, palestras, oficinas, bate-papo literário, espetáculos, tertúlias e entrega de premiações.

20/10/2022 - Quinta-feira

9:00 às 12:00 - Oficinas de bordados e de aldravias para artesãos, poetas e alunos

19:00 - Posse de poeta aldravianista Israel Quirino, na Academia Marianense de Letras, Ciências e Artes

Apresentação musical com Érika Curtiss

Homenageados com a Medalha de Mérito Cultural "60 anos da Casa de Cultura - Academia Marianense de Letras": ALACIB, Cristiano Casimiro, Vânia Silva, Museu Casa Alphonsus de Guimaraens

Abertura de exposição: Aldravias pintadas em Bolsas e Estandartes - Academia Marianense de Bordados; Movimento Renovador de Mariana; Atelier Barroco, Arte e Fé.

Apresentação com Xibil Marcelino

LOCAL: Casa de Cultura - Academia Marianense de Letras, Ciências e Artes

21/10/2022 - Sexta-feira

9:00 - Visita ao Colégio Flecha e Aldraviteca - Bate-papo literário e palestra com as acadêmicas: Vilma Cunha Duarte e Catia Lemos

14:00 - Visita do escritor à E.M. Cônego Paulo Dilásio: Artur Laizo

19:00 - Posse na ALACIB-MARIANA: Vilma Cunha Duarte e Catia Lemos

Outorga da Medalha de Mérito Educacional da ALACIB-MARIANA "Frei Santa Rita Durão": Beatriz Latini, Maria Raimunda dos Anjos, Vânia Silva, Rafael Arcanjo Santos, Anna Gabriela Marques Lima

Mérito Cultural: Francisco Moura Santos

20:30 - Lançamento do livro de poesia: UNS DIAS DE VERSOS, do acadêmico Luiz Roberto

LOCAL: Casa da Arte Aldravista

22/10/2022 - Sábado

9:00 às 13:00 - Santa Leitura - Uma biblioteca a céu aberto - exposição de livros e declamação na Praça Gomes Freire

14:00 - Visita guiada ao Ateliê Hélio Petrus - Estrela do Neobarroco

19:00 - Sarau Literário e Musical com os poetas aldravianistas

Apresentação: Aldraviando a Palhaçaria - Palhaço Furreca

Apresentação musical: Grupo Musical "Uns e Outros"

Lançamento das antologias: Infâncias (Aldravias e Quintas)

Outorga do Troféu de Mérito Educacional: Centro Educacional de Jovens e Adultos "DR. GERALDO MOUTINHO" e E.M. "Cônego Paulo Dilásio"

Fundação da Academia Brasileira Aldraviana de Jovens e Adultos ABRAJÁ (Centro de Educação de Jovens e Adultos "Dr. Geraldo Moutinho")

Apresentação do livro da acadêmica Maria Beatriz Del Peloso Ramos: OS ANTIGOS CONTADOS

LOCAL: Casa de Cultura - Academia Marianense de Letras

Autores: Abílio José Souza Leão de Sá, Alberto Paco, Alice Gervason, Amélia Luz Andreia Donadon Leal e J.B. Donadon-Leal, Ângela de Mérice, Anício Chaves, Argênia Maria Vieira Parada, Artur Laizo, Beth Iacomini, Catia Lemos, Cecy Barbosa Campos, Claydes R. R. Araújo, Cyroba Cecy, Denise Izaguirre Anzorena, Luiza Domingos Machado, Débora Novaes de Castro, Dóris Araújo, Else Dorotéa Lopes, Elizabeth Rennó, Giseli Barros, Goretti de Freitas, Guilherme Hurtado, Hilda Lacerda, Jair Araújo, João Gimenez, Luciana Amaro, J.R. Amorim, Luciane Fontes, Luiz Fernando, Luiz Poeta, Luiz Roberto, Manuel Amendoeira, Marcos Felipe da Silva, Maria Beatriz Del Peloso, Marisa Pontes, Matusalém Dias de Moura, Nilton Manoel, Regina Coeli Nunes, Roberto Caroll, Roberto Diriz Saut, Suzana Maria Cruz Peixoto, Tauã Lima Verdán Rangel, Terezinha Campos, Vilma Cunha Duarte, Zaira Melillo Martins, Zilda Pires, Welton Leão - Ilustradora: Sol Miginis

Realização: ALACIB-MARIANA  Patrocínio:  PREFEREÇA DE MARIANA Apoio:     

FALANDO DE LIVROS, LEITURAS E LITERATURAS

uns dias de versos de Luiz Roberto

O poeta ficou escondendo (segredando) a sabedoria da mensagem e da versificação árcade nos escaninhos da memória. Bom que um dia "uns dias de versos" saem das gavetas e ganham encadernação, fragmentos que se soltam do passado, para se misturarem com o pulso que pulsa no presente. O poeta duvidoso de si se deixa convencido em perturbadores questionamentos: o que porventura faltaria; rima, métrica? O ser humano, que ama; o médico, que ama; o amante, que ama – amor em todas as medidas e em todas as dimensões constroem, tijolo a tijolo, a edificação aparentemente sólida da vida, que se enfraquece, mas que se sustenta por um acordo, "porque viver é um tipo de acordo". E vamos fazer um acordo, poeta Luiz Roberto: você tem a sensibilidade lírica dos Árcades e a liberdade discursiva dos Modernos, transitando no desejo incontido de alcançar Bárbara Bela, ou de desistir de tudo, indo embora para Pasárgada.

Nesses entremeios, o estudioso do cérebro e das memórias se deixa soltar nos argumentos amorosos: Tal qual os cheiros, / sonhos se encravam na memória! (Faz de conta)

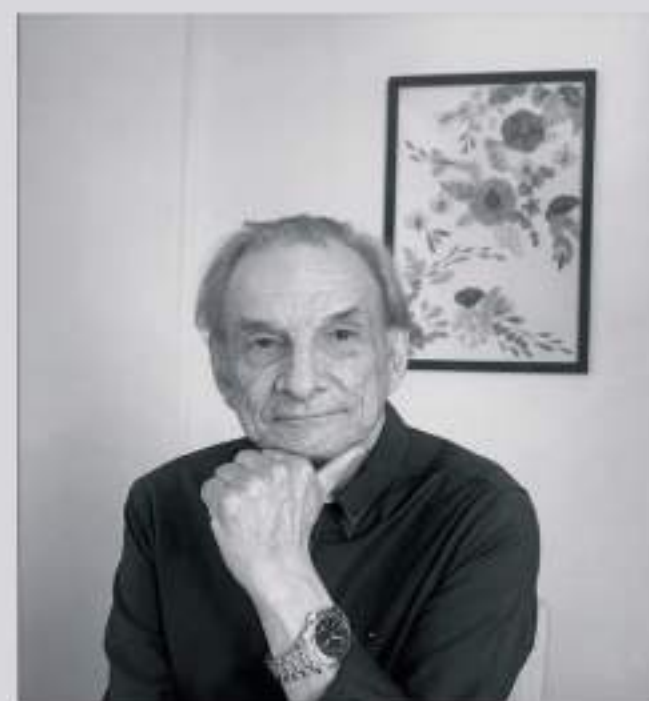
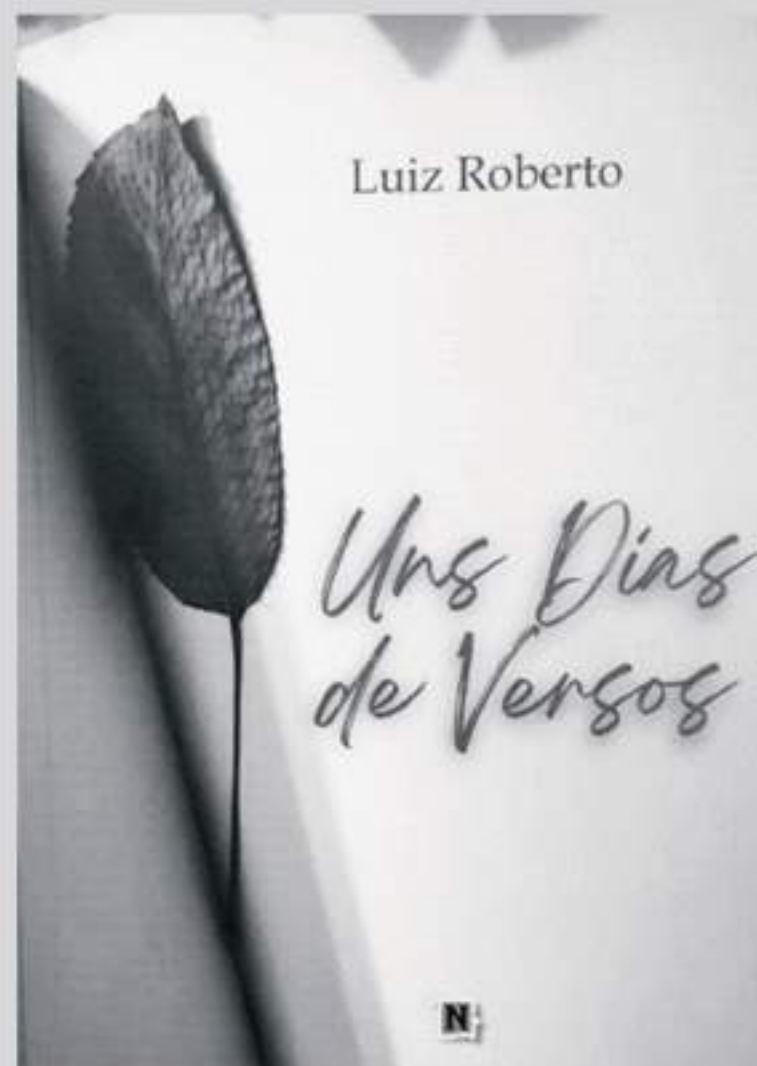
E o poeta destemido, vigoroso, adolescente, empodera-se e se desmancha num erotismo suave e delicado: Ao toque mágico que se desculpa. À mordida leve (Desmantelo)

Que isso poeta? O homem singelo, que se deixa levar por gestos simples, um beijo na nuca: As minhas dores são curadas por um beijo! / O analgésico definitivo do meu dia a dia: O beijo na nuca! (Beijo na nuca)

O conjunto de poemas constitui um passeio pela vida, destacando o combustível que traz todas as energias para a propulsão dessa máquina chamada vida: o amor. Nada piegas, nada rotineiro, tudo com a sabedoria de quem bem conhece por dentro o funcionamento das memórias, dos afetos e dos desejos contidos e incontidos. (...)

Parabéns, Luiz Roberto. A poesia ganha com sua genialidade discursiva, com suas aulas de vida, com suas reflexões amorosas, com suas saudades.

Nós nos deliciamos com seus versos, sentindo tocar em momentos que vivemos e iluminando compreensões que se nublavam diante de nossos olhos, nesse infinito universo construído segundo a segundo por amor. Compartilhamos com você, leitor, essas nossas sensações divinas advindas da leitura de "uns dias de versos" de Luiz Roberto. Imperdível! (Andreia Donadon Leal e J. B. Donadon-Leal)



Escritor Luiz Roberto

Pedagogos da Rede Municipal de Ensino participam de oficina de aldravia

Os poetas-professores do Movimento de Arte Aldravista, Andreia Donadon e J.B.Donadon, ministraram oficina literária para todos os pedagogos da Rede Municipal de Ensino de Mariana. O projeto "ALDRAVIA NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE MARIANA" integra as atividades de capacitação do livro-didático 'O ABC DAS ALDRAVIAS e o Jornal ALDRAVA CULTURAL', material educacional-literário elaborado por mestres e doutores, que será distribuído em todas as bibliotecas da Rede Municipal de Ensino de Mariana.

O Dia da Aldravia e a Semana da Arte Aldravista foram inseridos no calendário oficial do Município de Mariana, conforme Lei Municipal nº 3497.



OFICINAS DE ALDRAVIA PARA OS PEDAGOGOS DA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE MARIANA



OFICINAS DE ALDRAVIA PARA OS PEDAGOGOS DA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE MARIANA

Diretoria da Aldrava Letras e Artes – 2021-2025

Gabriel Bicalho

Presidente e Membro da Comissão Editorial

J.B.Donadon-Leal

Vice-presidente e Chefe da Comissão Editorial

José Sebastião Ferreira

Membro da Comissão Editorial

Andreia Donadon Leal

Diretora de Projetos Culturais e Membro da Comissão Editorial

José Luiz Foureaux de Souza Júnior

Membro da Comissão Editorial

Hebe Rôla

Secretária Emérita

Lázaro Francisco da Silva

Membro da Comissão Editorial Vice-presidente – 2000 a 2003

Contato: deialeal@jornalaldrava.com.br

Diagramação: Ailton Fernandes

Realização:



Patrocínio:

